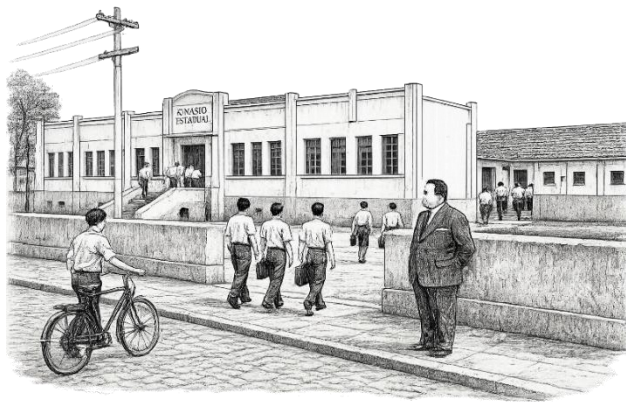


O GINASIÃO



Um prédio novo para o Ginásio

A epopeia para conseguir a autorização do governador

O segundo examinador

Os recursos para encarar a rigorosa Maria Teresa

A amarelada do Roberto

De como ele esqueceram a letra no principal do show

Terminar o ginásio, uma festa

Até os anos 50, a oitava série era uma graduação

O meu brilhante desempenho

Como arrancar aplausos do público

Meu primeiro dia no Horácio Soares

Poeira e barro não tinham charme nenhum

Primeira série no Instituto

Os dois quilômetros a pé para chegar na escola

Vamos virar nome de rua!

Uma turma que deixou sua marca



Um prédio novo para o Ginásio

José Carlos Marão

Foram alguns ônibus lotados, ninguém lembra quantos. Os poucos que tinham carro também foram e levaram outros de carona. Teve gente que foi em carroceria de caminhão para a alegre caravana.

Naquele dia 28 de abril de 1958, a rapaziada do Colégio Horácio Soares ocupou a beira da represa de Salto Grande. Meninos e meninas, nos seus modestos uniformes caqui ou azul e branco, disciplinados, formavam um bloco que se destacava na multidão.

Foi difícil mobilizar tanta gente, mas eles tinham uma motivação. Enquanto o povo ia para tentar ver, ainda que de longe, o presidente Juscelino, o governador Jânio, ou o governador do Paraná, Lupion, a turma da escola ia para tentar conseguir um prédio novo para o ginásio. Um prédio que a maioria não teria tempo para conhecer ou frequentar.

A campanha para levar a turma tinha começado, oficialmente, em fevereiro ou março. Mas, na verdade, desde 1956 todo mundo estava convencido de que era preciso um prédio novo para o então chamado Colégio Estadual Horácio Soares.

As tábuas soltas do assoalho, as paredes trincadas, as fechaduras que não funcionavam, os vitrôs





que emperravam, a curiosa fauna que ocupava os porões dos prédios eram argumentos convincentes.

Uma tábua solta, a Beronha, foi adotada pela indisciplinada turma da Quarta Série A de 1956 como símbolo. A Beronha protestava ruidosamente quando lançada no chão oco. Se uma aula estava chata, se o professor vacilava, se algum acidente mostrava a deterioração do prédio, a Beronha comparecia. Era tipo um bichinho de estimação inanimado que era acionado para mostrar um prédio em decadência.

Um prédio novo exigia verba e autorização. O caminho era por meio das assim chamadas autoridades. Mas o prefeito Paschoalick, de oposição, não tinha o menor diálogo com o governador Jânio Quadros. O jeito seria passar por cima do prefeito.

Em 58, o Carlos Ostronoff, presidente do grêmio da escola, o GERB, lançou oficialmente a campanha por um novo prédio.

No mês de janeiro do mesmo ano, tinha sido lançado na cidade o “Diário da Sorocabana”, dirigido por Salvador Fernandes e criado por líderes da então UDN, que apoiava o Jânio e era contra o Paschoalick.

O Salvador ficou sensibilizado com a campanha. Deu cobertura contínua no jornal. Veio a notícia de que o Jânio viria a Salto Grande inaugurar a usina. Surgiu a ideia de entregar ao governador um abaixo-assinado, pedindo a escola nova.

Foi um grande movimento na cidade. Jornais de São Paulo noticiaram o movimento dos estudantes.





Muita gente ajudou, possivelmente com interesse político, mas ajudou. A causa era justa.

O combinado era que as meninas entregassem o abaixo-assinado. Lá na hora, os meninos foram convocados: era preciso garantir um “corredor” para que as meninas chegassem até o governador. Até hoje a foto circula entre nós. O Mocho lembra, agora, que havia umas cem meninas uniformizadas. Lá na frente, o professor Norival e outros já tinham prevenido o Jânio.

Documento entregue, voltamos eufóricos com o sucesso.

Depois de mais ou menos um mês de angústia, o Salvador e o Thomé da livraria voltaram de uma audiência com o Jânio com a notícia: tudo aprovado! Já em projeto para construção.

O prédio está lá, hoje, ocupado pela Escola Horácio Soares. Ninguém lá sabe dessa luta. Um prédio pelo qual nossa turma lutou e não chegou a conhecer ou frequentar.

Mas a Beronha descansou em paz.





O segundo examinador

Agenor Rossignoli.

Eu sabia uns 17 ou 18 teoremas. Tinha dois ou três que não sabia e tinha raiva deles. No sorteio, não deu outra: caiu um dos três.

- Esse eu não sei, professora.

A Maria Teresa quase teve um orgasmo.

Ainda havia as questões B e C, valendo 3 cada uma. Eu precisava de 4. Dava. Mas o caso do teorema me desestabilizou. Não tinha conseguido os 4.

Eu tinha ouvido, dias antes, uma conversa do Salem, inspetor federal, com um professor em que ele dizia ser direito do aluno um segundo examinador. Não tive dúvidas: pedi o segundo examinador.

Veio o Jorginho. Novo sorteio e um teorema que eu sabia. Fui bem nas questões B e C também. As notas: Maria Teresa, 2; Jorginho, 9. Média, 5,5. Passei!!

Não sei como sobrevivi nas mãos da Maria Teresa nos três anos de científico que vieram depois.





A amarelada do Roberto

Carlos Ostronoff (Mochô)

Precisamente em 1955, as professoras Cleide Bonetti e Maria Aparecida, de Canto Orfeônico e Inglês, provocaram grande agito na cidade e no Colégio Horácio Soares. A Bonetti, em conjunto com os Pellegrino e Fitipaldi, criava um ambiente musical efervescente. A Maria Aparecida, com seu “sing song”, ensinava cantar em inglês.

Volta e meia o Italiano Pellegrino, aluno da terceira ginasial, era chamado para mostrar seus talentos de cantor com as canzonetas.

Logo as duas professoras inventaram um show.

Havia várias atrações: o Orfeão da escola, o Zé Ravicz declamando em inglês o “If”, de Rudyard Kipling, o Marão declamando a tradução e, finalmente, a grande atração, o Roberto Pellegrino cantando “Oh Suzana” em inglês.

Logo, por acordo com o Colégio Estadual de Palmital, conseguiram um show para mostrar na cidade vizinha os talentos ourinhenses.

Durante a performance, o desastre: o Roberto teve um lapso de memória e esqueceu a letra. Levou a mão na testa, cabeça baixa, querendo lembrar e nada. Os palmitalenses foram compreensivos.





Disse depois que um abismo se abriu sobre seus pés e derramava suor pela testa. Quase chegou às lágrimas. Dizem que seu pai, um grande cantor, cortou a mesada. Dona Maria, a mãe, teve muito trabalho para consolar o filho preferido.

Mas a galera, impiedosa, a cada encontro, imitava o gesto da mão na testa.

A rede estadual de ensino selecionava os professores por concurso. E eles escolhiam a cadeira conforme sua classificação. Nem sempre conseguiam a cidade que queriam. A cada ano havia nova escolha de cadeira e os professores podiam melhorar sua classificação com, por exemplo, atividades extracurriculares, como esses cursos e shows. Pode ser que a Bonetti e a Maria Aparecida não gostassem muito da cidade e quisessem ir embora...





Terminar o ginásio, uma festa

José Carlos Marão

Naquele tempo, é bom essa moçada de hoje ficar sabendo, terminar o ginásio era uma vitória! Por isso, a gente chamava o fim do curso de “formatura”. Tinha, no Cine Ourinhos, entrega solene de diplomas (Opa, como diria o Luzinho Diniz: “Deproma, senhor Otávio? Certificado! Certificado!”) e baile no Grêmio, meninas de vestido comprido e meninos de gravata borboleta com direito à valsa.

No começo dos anos 50, já era um costume mais antigo, mas a tradição tinha sobrevivido. Hoje, é apenas uma releitura oitava série.

O ano todo de 56 foi muito agitado: comissão de formatura, eventos para arrecadar dinheiro, sorteios, quermesses e bailes. Formatura custava caro: aluguel do cinema, aluguel do Grêmio, impressão de convites.

A famosa festa caipira no Cine Clube, quando o Joel Cabecinha subiu na marquise para fazer um discurso (como está contado em outra memória nesta antologia) foi em benefício da formatura da quarta série.

Um baile nos Armazéns Gerais, chamado Noite de Agosto, foi famoso por uma briga no salão, abafada pela pronta e ruidosa ação do Lino e sua orquestra,





Mas apareceu uma coisa maior que diminuiu o brilho de tudo isso.

O Domingos Perino Neto era da nossa classe. E, vejam como era importante o acontecimento: o Duia Perino, pai dele, resolveu fazer um grande churrasco.

Foi a grande festa, maior que aquela do último dia de exame. Roubou a cena da entrega de certificados e da valsa no baile. E certamente foi a primeira vez que aquela turminha viu tanta cerveja.

Bom emprego nem precisava curso ginásial. Um exemplo: o banco. O recrutamento, que não tinha esse nome, era feito pelo gerente, direto, que perguntava: até que ano da escola você chegou? Se tivesse ginásio, ótimo, mas pouca gente tinha ginásio. Não era obrigatório. Então, o gerente dizia: senta ali e escreve uma carta. Se saísse direitinho, estava empregado.

Luiz Gonzaga Diniz foi o diretor mais ranzinza e mais icônico que já tinha aparecido naquela escola. Perfeccionista, corrigia até as tosses e os espirros dos alunos. O Cristonão, seu Otávio Cristoni, inspetor de alunos, falava o mais legítimo linguajar da Vila Nova. Um dia, foi anunciar que tinha chegado uma visita: - “A muié tá aí. Veio busca o deproma”. Luizinho, apoplético, no seu um metro e meio: - “Deploma, senhor Otávio? Certificado, certificado!”.





O meu brilhante desempenho

Carlos Ostronoff (Mocho)

Terminada minha apresentação de piano no Grêmio, estouraram efusivos aplausos, gritos de bravo e incompreensíveis e impossíveis pedidos de bis. Fui o mais aplaudido da noite. E não sabia onde enfiar a cara.

Eu tinha tido quatro anos de piano com a Elza Preta, mas ela mudou de Ourinhos. Na despedida, disse que eu deveria continuar estudando, pois me considerava um ótimo filho da pauta. Continuei no Colégio Santo Antônio, com as freiras.

Logo, o Santo Antônio resolveu mostrar o talento de seus pupilos em uma audição no elegante Grêmio Recreativo.

O italiano Roberto Pellegrino, naqueles dias, tinha dado uma grande amarelada cantando “Oh, Suzana”, em inglês, em pleno cinema de Palmital, quando esqueceu a letra da canção. Abaixou a cabeça e levou a mão na testa, como quem quer lembrar.

Para se vingar das gozações, o bom italiano, quando soube que eu ia me apresentar, urdiu uma “vingança”. Passou uma semana soprando em meu ouvido, diversas vezes ao dia: vai amarelar, vai amarelar.





Eu resistia com bom humor, confiante no meu talento. Na noite da audição, fui escolhido como a “pièce de résistance”. O último a se apresentar. O único menino entre meninas.

Respirei profundamente e dei uma última olhada no Italiano que, próximo do palco, balbuciava: vai amarelar, vai amarelar. Eu, confiante, não via necessidade da partitura. A música escolhida foi “Sobre as Ondas”, uma valsa de Mattos Rodriguez.

O público no Grêmio era gentil, compreensivo e até afetivo com os estudantes. Sabia compensar o talento e, na falta dele, o esforço.

Sentei na banquetta, ataquei o piano e deu o óbvio: amarelei vergonhosamente.

Até a mão na testa para tentar lembrar foi igual a do italiano em Palmital.





Meu primeiro dia no

Horácio Soares

Lisandre Castello Branco

Ourinhos chegou pra mim num exame de segunda época de admissão ao ginásio. Início de 1957. Tudo estranho pra uma menina de 10 anos que saíra de casa, em Presidente Venceslau, de madrugada.

Também a sujeira vermelha era novidade e a combinação com o prédio velho não era nada atraente. A sala de aula, luminosa de sol de verão, ficava escura com a mistura de velho e sujo.

Quando as aulas começaram, deu pra notar que havia uma variedade etária que eu não conhecia. Eram poucas crianças como eu. Muitas moças. E, dentre todas, duas me chamavam a atenção. Estavam sempre muito arrumadas e fui percebendo que usavam soutien, tinham as blusas de fustão bem acinturadas, cinturas finíssimas, golas levantadas, cabelos altos, unhas feitas, o uso de maquiagem com lápis nos olhos, sobrancelhas pintadas, batom: um novo mundo para mim.

Talvez pela associação das imagens delas e da professora de desenho, dona Arlete, também vestida de um jeito estranho com roupas justas, decotadas e extremamente maquiada com batom maior que a boca, este trio magnetizou as minhas primeiras lembranças.





O diretor era o professor Yolando, casado com dona Arlete, provavelmente uma vítima de algum acidente, andava totalmente curvado. O casal me impressionava e me fazia pensar que casal era aquele.

Mas, para compensar, também existia a sobriedade da dona Diva Leonis, de geografia.

O tempo acabou dando um clima de glamour às ruas sem calçamento e à poeira vermelha no ar de Ourinhos. Mas, para quem chegava de fora, era inevitável a comparação com cidades limpas. Esse glamour, na prática, era um transtorno, principalmente quando senhoras bem-vestidas afundavam o salto alto no barro e não conseguiam tirar.





Primeira série no Instituto

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

O caminho era longo. O ano, 1967. As ruas eram, na maioria, de terra.

Com as brincadeiras no percurso, gastava uma hora para chegar, com arranhões no joelho, cabelo desgrenhado, lanche na bolsa amassado. Assim, todos os dias, venciam os dois quilômetros entre a Floriano Peixoto, lá embaixo, na Vila Perino, encostada na Raposo, até o Instituto Horácio Soares, na Euclides da Cunha, outro extremo da cidade.

Mas era um sonho realizado, estudar no Ginásio! O pai foi atrás de ajudar a realizar esse sonho, falar com o professor Domingos e outros conhecidos influentes, até que conseguimos.

Mas a realidade era outra.

Primeiro, atravessar a Jacinto Sá, que tinha poucos carros, mas muitas charretes e carroças. Às vezes, até uma comitiva de bois andando tranquila pela terra da rua.

Depois, seguir pela José Felipe do Amaral, passar pelo casarão de madeira (diziam que tinha sido um Quilombo), onde tinha várias amigas.





Lembro da Toninha e da Maria José, que não estudavam, mas tinham vontade. Naquela época ainda não entendia por que elas não podiam.

Às vezes, elas me acompanhavam até a altura da rua Nove de Julho, onde atravessava a linha do trem, saía ali onde é o correio e pegava a Euclides da Cunha. Quando ia sozinha, ia pelos trilhos, andando sobre eles, até a Cardoso Ribeiro, mas o pai e a mãe não podiam saber disso. Depois, passava pela casa da Tânia e íamos juntas conversando e rindo até chegar no Instituto.

Mais um dia de aula no resto do predinho antigo, que tinha sobrado do velho Ginásio de Ourinhos, o que parecia discriminação.

Mas não importava, queria estudar no gGinasião.





Vamos virar nome de rua!

José Carlos Marão

Aquela molecada irreverente, indisciplinada, barulhenta (porém infiltrada por muitos CDFs) estava esquisita no último dia de exame oral. Uma turma unida. Tinham feito grandes eventos durante o ano levantando dinheiro para uma festa de “formatura”. Já rolava a bagunça com fotos, tipo despedida, em poses malucas, lá na trave do campo de futebol. Eram menos de 20. Alguém, difícil lembrar quem, conseguiu falar:

- No ano que vem não vai mais ter quarta A!

Uns iam para o científico, outros para o Normal, alguns para outras cidades.

- Ninguém vai lembrar de tudo que a gente fez!

- É, quando um cara morre vira nome de rua.

Também é difícil lembrar como surgiu a ideia. Foi surgindo, meio como aquelas letras de música onde cada um faz um verso e não se sabe quem foi o autor:

- Temos que fazer a rua “Quarta Série A”!

- A rua lá atrás do campo não tem nome!

Era um jeito de deixar a marca daquela turma.

De repente, surgiu, não se sabe de onde, uma velha tampa de carteira.





Até aí, fácil: era um prédio se desfazendo, tinha muitas carteiras soltas. Mas a lata de tinta verde e um pincel alguém deve ter “achado” lá com os faxineiros.

O Paulo Aurélio juntou a turma em ordem unida. E fomos todos marchando lá para a rua de trás do ginásio, atrás do campo de futebol. A marcha comandada pelo Paulo Boca em japonês (ichi, ni, san, shi) foi direto para uma árvore, um lugar óbvio, para a placa que dizia “Rua Quarta Série A”.

O Diógenes, o mais magrinho, já estava com a placa, pronto para subir no ombro dos que estavam por ali e colocar no alto da árvore, quando alguém falou:

- Mas no ano que vem vai ter outra quarta A.

Corre buscar o pincel. E a placa foi colocada lá no alto da árvore. A rua de terra e sem sarjeta ganhou um nome: “Rua Quarta Série A de 56”.

Zelão Devienne fez o principal discurso, mas todo mundo queria falar um pouquinho sobre a união daquela turma que professor nenhum conseguiu domar, por um motivo simples: todo mundo tirava nota boa.

Hoje, a rua se chama Joaquim de Azevedo. Com desculpa ao senhor Joaquim, para nós, os que sobrevivemos, é a rua Quarta Série A de 56.

